

OBJETOS PARA O ENSINO DE ARTE: REFLEXÕES A PARTIR DE TRÊS ESTUDOS

OBJECTS FOR TEACHING ART: REFLECTIONS FROM THREE STUDIES

Giovana Darolt Hillesheim – IFSC – PROFARTES

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva – UDESC

Rodrigo Montandon Born – PROFARTES – UFRN

RESUMO

O estudo reúne três investigações cujos objetivos dialogam com os conteúdos do Ensino de Arte na perspectiva da Pedagogia Histórico-crítica. Interessa-nos particularmente a produção de materiais (objetos de arte, livros didáticos, materiais educativos) que auxiliem o estudante a aprender criticamente, ampliando assim, o potencial do Ensino das Artes Visuais na escola. Cada pesquisa traz suas metodologias específicas como entrevistas com professores, análises de livros didáticos e produção de materiais voltados à aprendizagem, além de levantamentos bibliográficos. Tomamos como referencial os estudos de Saviani (2012), Quemin (2013) e Born(2018), Hillesheim (2018) Fonseca da Silva e Kirst (2010) e Fonseca da Silva, Mendes e Schambeck (2012). Ao final da análise dos três estudos concluímos que os conteúdos a serem ensinados têm forte influência sobre as abordagens metodológicas e que há potencialidades dos materiais para ressignificar a aprendizagem de artes visuais na escola.

PALAVRAS-CHAVE

Objetos de arte; Conhecimento; Professores; Ensino de Arte.

ABSTRACT

The study brings together three investigations whose objectives dialogue with the contents of Art Teaching from the perspective of Historical-Critical Pedagogy. We are particularly interested in the production of materials (art objects, textbooks, educational materials) that help the student to learn critically, thus expanding the potential of Visual Arts Teaching at school. Each research brings its specific methodologies such as interviews with teachers, analysis of textbooks and production of materials aimed at learning, in addition to bibliographical surveys. We take as a reference the studies of Saviani (2012), Quemin (2013)

and Born(2018), Hillesheim (2018) Fonseca da Silva e Kirst (2010) e Fonseca da Silva, Mendes e Schambeck (2012). At the end of the analysis of the three studies we conclude that the contents to be taught have a strong influence on methodological approaches and that there are potentialities in the materials to resignify the learning of visual arts at school.

KEYWORDS

Objects por art; Knowledge; Teachers; Art teaching.

Introdução

Na condição de três estudos vinculados com o mesmo grupo de pesquisa, partilhamos do referencial Sócio histórico, portanto os aspectos relativos aos conteúdos de arte na escola ganham uma dimensão central. Para a Pedagogia-Histórico crítica, segundo Saviani (1991) a tarefa pedagógica diante da escola é identificar as formas mais elaboradas dos saberes produzidos pela humanidade, reconhecendo como foram produzidas, fato que exige uma crítica aprofundada. Além disso, analisando como esses saberes se manifestam e se colocam como tendências atuais de transformação de sua condição de opressão.

Outra tarefa que se impõe aos professores é a transformação dos saberes objetivos em saberes escolares, aspecto este contemplado pelos livros didáticos pensados como apoio ao ensino escolar principalmente em realidades cujo único acesso imagético se dá pelo livro didático. O autor ressalta a necessidade de ir além da assimilação dos conteúdos, propõe que os estudantes "apreendam o processo de sua produção bem como as tendências de sua transformação" (SAVIANI, 1991, p. 16).

Considerando os aspectos relativos ao ensino-aprendizagem podemos dizer que o estudante possui quando chega na escola um conhecimento advindo do senso comum e que é papel da escola construir um movimento que retire o estudante da condição sincrética da aprendizagem, ou seja uma apreensão ainda não completa. É por meio da mediação profunda do professor que o estudante poderá elaborar uma síntese mediada pela análise dos fenômenos educacionais. (MARSIGLIA, MARTINS e LAVOURA, 2009).

Tendo em vista o cenário da escola pública, de pouca formação e muita informação, a indústria cultural e o mercado de arte encontram na escola uma camada destituída de princípios e aberta às pedagogias liberais. Ressaltamos o estudo de Hillesheim (2018) que mostram o caminho de um conjunto de artistas indicados pelo mercado de arte e sua penetração na escola por meio dos diferentes materiais que o professor utiliza para trabalhar, em especial o livro didático.

Outro estudo que ressaltamos neste artigo, Born (2018), analisa os livros didáticos para o Ensino de Arte contemplados no edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) entre os anos de 2015 e 2017. Em que pese o enfraquecimento do programa no atual governo, reconhece-se que este foi um programa de grande alcance que problematizou, analisou e propôs livros didáticos para as escolas públicas brasileiras.

Finalmente os estudos do projeto de pesquisa " Objeto de arte interativo: uma proposta de investigação sobre as possibilidades de produção e uso de materiais educativos"¹, vem ao longo de cinco anos investigando materiais de apoio ao ensino-aprendizagem para pessoas com deficiência na escola e em instituições culturais.

Livros didáticos como espaços expositivos

A tese intitulada "O livro didático de artes visuais como espaço expositivo: contribuições para o debate sobre a alienação do objeto de arte" (2018) traz uma reflexão acerca do conceito de espaço de arte² em comparação com os livros didáticos de Artes Visuais, buscando compreender, em um contexto amplo, possíveis aproximações entre esses dois objetos. Assim, o estudo investigou se os livros didáticos de Artes Visuais possuem semelhanças e aproximações com os conceitos de acervo, curadoria e mediação educativa, buscando compreender, através de análises, se esses livros, os quais circulam nas escolas públicas no Brasil, possuem aproximações com o conceito de espaço de arte.

O estudo levantou os livros didáticos que circulam nas escolas públicas brasileiras, especificamente aqueles selecionados pelo (PNLD) nos anos de 2015, 2016 e 2017, utilizando-se um modelo de instrumento de pesquisa adaptado de Bellé (2012), pautado em uma pesquisa qualitativa, empírica e descritiva, a fim de levantar e investigar aspectos e características presentes nesses objetos, que poderiam aproximar-se do conceito de espaço de arte, apontando possibilidades e caminhos para que os livros didáticos fossem concebidos de tal forma.

O PNLD é o programa que determina a partir de uma rigorosa avaliação os livros disponíveis para a escola pública. Dessa forma, lidamos de forma imediata com a realidade material acessada pelos professores e estudantes. A partir dos resultados da pesquisa, portanto, é possível pensar em estratégias que possam melhorar aspectos dos livros didáticos de Artes Visuais.

O sistema do PNLD permite que as editoras submetam suas obras para editais públicos, cujo processo é publicado no Diário Oficial da União. Uma comissão avalia, dentro de cada área, as qualidades do livro didático apresentado. Essa comissão é formada por universidades públicas federais, sob a coordenação da Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC). São selecionados professores dos quadros da rede pública de ensino e das instituições de educação superior – IES, com formação e experiência profissional correspondente à área a ser avaliada. De acordo com o *site* do MEC (2017).

Essas avaliações, além de aprovarem as obras submetidas para análise, resultam em resenhas que apontam as características pedagógicas de cada obra, incluindo seus pontos fortes e limitações. Dessa forma, o professor de cada escola pode escolher entre as obras aprovadas, aquela que ele julgar cumprir com mais precisão os objetivos de sua aula e do projeto pedagógico da sua instituição.

A pesquisa escolheu os livros didáticos de arte aprovados pela PNLD do ciclo 2015, 2016 e 2017 para garantir a abrangência entre séries iniciais do ensino fundamental, séries finais do ensino fundamental, e ensino médio. Dessa forma, este levantamento permitiu uma avaliação geral do uso dos livros didáticos nas escolas públicas brasileiras. Os livros selecionados pelo PNLD de 2015 foram: 1) Arte em interação, da Editora IBEP, 1ª edição – 2013. 2) Por toda parte, da Editora FTD, 1ª edição – 2013. Os títulos da PNLD de 2016 foram: 1) Ápis Arte, volume único, da Editora Ática, 1ª edição – 2014, 2) Porta Aberta Arte, volume único, da Editora FTD, 1ª edição – 2014. 3) Projeto presente Arte, volume único, da Editora Moderna, 1ª edição – 2014. Na PNLD de 2017, os livros selecionados foram: 1) Projeto Mosaico – Arte, da Editora Scipione, 1ª edição – 2015. 2) Por toda Parte, da Editora FDT, 1ª edição – 2015.

A abordagem de análise de materiais didáticos, em especial os livros didáticos é um processo que envolve currículo escolar, seleção de conteúdos e homogeneização de conteúdos. Na análise de livros didáticos, estabelece-se uma contradição, de um lado a produção de um recorte curricular, muitas vezes focado na intencionalidade do autor, uma produção pragmática que pelas normas e formatos não contém todas as potencialidades da arte e de outro lado a certeza de que esse conjunto de conteúdos propostos vão chegar a todos os rincões desse país de dimensões continentais.

O livro didático, assim como materiais didáticos em geral, são objeto de crítica, que não são recentes, seja pelo tratamento unidirecional do conteúdo, pois não apresentam pontos de vista distintos; a mediação dos conteúdos por numerosos interesses; pela apresentação de verdades certas e conhecimentos como algo acabado e sem possibilidade de questionamento; um currículo aparentemente universal e neutro; a ênfase

em uma atitude passiva por parte do aluno; e pelo uso implícito que induz, entre outras. (TEUBER, 2012, p. 2).

Como aponta a autora, é preciso superar os aspectos negativos associados ao material de artes visuais. Se esses aspectos negativos ficam explícitos, sobretudo na disciplina de Arte, como encontrar as contradições causadas entre material didático e objeto das Artes Visuais a fim de encontrar sua superação?

Nossos estudos sobre os livros didáticos para o ensino de arte consideraram 4 diferentes aspectos e ao fim das análises buscamos evidenciar possíveis aproximações entre os livros didáticos de Artes Visuais e os espaços de arte. Foram analisados os aspectos gráficos e formais dos livros didáticos; os autores responsáveis pelas obras; o “acervo” de obras contidas nos livros; os aspectos pedagógicos, que em um espaço cultural poderia ser entendido como mediação.

Em cada um destes aspectos analisados, o autor faz um levantamento de informações que auxiliaram no processo de avaliação do livro. Considerando o primeiro aspecto, dos elementos gráficos, o foco se deu nas questões gráficas e dos elementos de impressão, referências centrais para analisar obras impressas.

Uma característica que pôde ser observada já no primeiro contato com os objetos de análise, foi que todos os livros possuem dimensões idênticas (27,5 cm x 20,5 cm), ou seja, meio centímetro menor de largura que uma folha de papel A4. Embora nenhum dos livros a que se teve acesso divulgue suas características gráficas, é possível observar que todos são impressos com capa de maior gramatura (aproximadamente 120 g), com laminação brilhante, não sendo capa dura, porém, possuindo resistência satisfatória, com todas as páginas coloridas no padrão CMYK, em processo de impressão *offset*, em papel *off*, com gramatura de aproximadamente 90 g, unidos pela lateral esquerda em brochura. A princípio, o edital do PNDL não prevê uma especificidade a esses respeito, embora atente para o controle de qualidade dos materiais e da impressão, de modo similar aos processos de licitação pública, cujos editais indicam a qualidade mínima exigida do material a ser oferecido.

Esta informação pode parecer menos relevante quando se pensa em conjunto com questões pedagógicas ou de acervo, contudo, para os artistas, os recursos gráficos disponíveis são cruciais na hora de pensar suas produções. O segundo aspecto, selecionado pelo estudo foi a análise da trajetória dos autores das obras, ressaltando os dados de formação dos envolvidos na produção dos livros didáticos de artes

visuais. Conforme se pode ver no gráfico a seguir, apenas 17% possuíam formação em Artes Visuais.

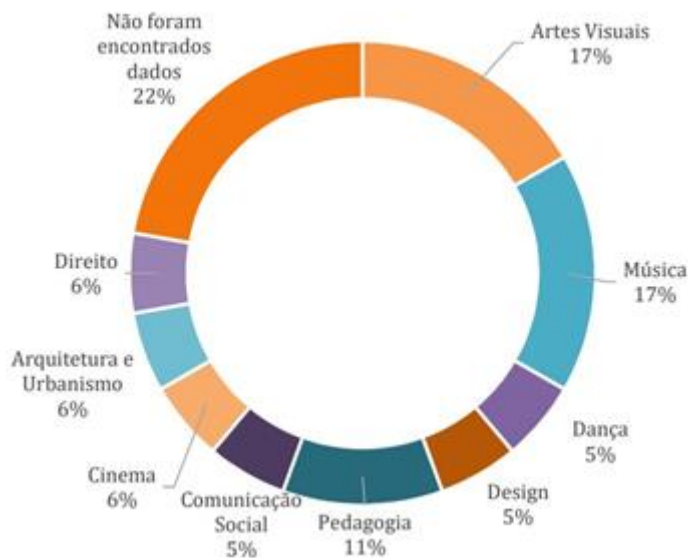


Figura 1. Formação dos profissionais envolvidos com a criação de livros didáticos de Artes Visuais, 2018. Fonte: (BORN, 2018).

Este pode ser um fator importante nesta análise, visto que as teorias sobre o espaço de arte e o objeto da arte contemporânea, são comuns aos cursos de formação de Artes Visuais.

O terceiro fator analisou a questão de acervo, os livros analisados contavam apenas com reproduções de obras, ou obras originais, enquanto proposições artísticas planejadas e concebidas para o espaço do livro didático, ou minimamente, enquanto obra passível de reprodutibilidade: publicações de artistas, impressos, fotografias, proposições, em detrimento de fotografias de pinturas, gravuras, esculturas.

Este dado talvez seja o mais relevante no contexto da pesquisa, visto que encontrou em todos os livros analisados, apenas uma obra que se encaixava nas características buscadas, como por exemplo: "O que é arte? Para que serve?" de Paulo Brusky (1978) que pela característica que previa o registro fotográfico como forma de veiculação de uma performance, permitiu que a imagem apresentada no livro didático, fosse prevista pelo artista como obra, e não como reprodução catalogada.

O quarto e último aspecto analisou se nas atividades dos livros didáticos havia uma aproximação com as questões pedagógicas, entendidas como mediação nos lugares

de arte. Neste ponto, a análise mostrou que os livros didáticos possuem caráter mediador de seus conteúdos e acervos, assim como nos espaços de arte o que aparentemente é um avanço se comparado aos livros didáticos analisados nas décadas de 80 e 90 do século XX.

Aulas de arte e sua interface com o mercado de artes

A seleção de materiais didáticos utilizados pelos professores de arte para preparar ou ministrar suas aulas junto à educação básica passa não somente por livros didáticos, mas também por vídeos veiculados na internet, catálogos de exposições, sites de museus, revistas, entre outros materiais discursivos que se retroalimentam e ajudam a compor a concepção de arte que estudantes e professores constroem para si.

Apresenta-se a seguir, excertos da pesquisa realizada por (HILLESHEIM, 2018) junto a um grupo de professores de Santa Catarina, mostrando que a mercantilização da arte está estreitamente ligada às concepções cristalizadas e veiculadas em livros didáticos e reforçadas nos demais materiais de consulta. Ao serem questionados sobre os materiais utilizados no exercício da docência, 38 dos 55 professores participantes da pesquisa citaram o livro didático como importante recurso pedagógico; 29 dos 55 professores disseram usá-lo como fonte de consulta e outros 09 informaram que o utilizam frequentemente em suas aulas.

A pesquisa entre os professores buscava compreender quais são e como se caracterizam os artistas contemporâneos mencionados nos livros didáticos. A partir de contato junto às gerências regionais de educação, averiguou-se quais livros didáticos foram amplamente adotados nas escolas públicas em 2017. Entre eles: Coleção Arte/ Ensino Fundamental, de Pougy. Editora Ática. PNLD 2016-2017-2018 e Por Toda Parte/ Volume Único/ Ensino Médio, de Utuari, Libâneo, Sardo e Ferrari. Editora FTD. PNLD 2015-2016-2017.

A pesquisa analisou os livros acima em relação às reproduções de obras de arte que figuravam em suas páginas, mapeando título das obras, autoria, ano e técnica utilizada pelo artista. Em seguida, investigou a nacionalidade e o local de trabalho destes artistas. Entre os 06 exemplares (05 da coleção de ensino fundamental e 01 correspondente ao livro de ensino médio) foram contabilizados 108 diferentes artistas categorizados como contemporâneos. Entre estes artistas, 57 brasileiros e 51 estrangeiros. No grupo dos brasileiros, 29 residiam/trabalhavam no estado de São Paulo, 14 no estado do Rio de Janeiro e os demais artistas em outros estados da

federação (06 em Pernambuco, 02 em Minas Gerais, 02 no Paraná, 02 no Rio Grande do Sul, 01 no Amazonas e 01 no Distrito Federal).

Os artistas brasileiros mais citados (com três ou mais imagens) foram: Hélio Oiticica, Maria Bonomi, Adriana Varejão, Alex Flemming, Paulo Bruscky e Cildo Meireles. O artista brasileiro Vik Muniz foi amplamente citado (12 imagens), porém a pesquisa o categorizou no segundo grupo, rol dos 51 artistas estrangeiros, pelo fato do artista ser radicado e trabalhar nos Estados Unidos. Neste segundo grupo, 16 artistas residiam/trabalhavam nos Estados Unidos da América, 11 no Reino Unido e 24 em outros países (05 franceses, 04 argentinos, 03 italianos, 02 alemães, 02 belgas, 02 venezuelanos, 01 canadense, 01 chinês, 01 cubano, 01 mexicano, 01 neozelandês e 01 suíço).

A pesquisa analisou ainda diversos outros materiais didáticos ou paradidáticos citados pelos professores (DVDTECA Arte na Escola, Cadernos Universitários de Licenciatura na modalidade EAD, sites dedicados à arte, entre outros materiais citados pelos professores como fontes de apoio na preparação das aulas), sempre buscando saber quais eram os artistas contemporâneos referendados e seus respectivos locais de trabalho.

ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS NOS LIVROS DIDÁTICOS		
Artistas brasileiros	57	Ênfase no Rio de Janeiro e São Paulo
Artistas estrangeiros	51	Ênfase nos Estados Unidos e Reino Unido
ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS NA DVDTECA ARTE NA ESCOLA		
Artistas brasileiros	39	Ênfase no Rio de Janeiro e São Paulo
Artistas estrangeiros	07	Ênfase nos Estados Unidos
ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS NOS CADERNOS DE ESTUDO DA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS UNIASSELVI		

Artistas brasileiros	36	Ênfase no Rio de Janeiro e São Paulo
Artistas estrangeiros	24	Ênfase nos Estados Unidos
ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS CITADOS PELOS PROFESSORES ENTREVISTADOS		
Artistas brasileiros	20	Ênfase no Rio de Janeiro e São Paulo
Artistas estrangeiros	03	Ênfase nos Estados Unidos

Tabela construída a partir da pesquisa de Hillesheim, 2018.

Entre as constatações da pesquisa, há confirmação de que obras de arte contemporânea são citadas nos livros didáticos em quantidade bem inferior às obras clássicas. O livro *Por Toda Parte*, por exemplo, trazia 48 reproduções de obras contemporâneas de 39 diferentes artistas e 103 obras clássicas. As obras de artistas contemporâneos residentes no Brasil superaram em número ligeiramente as obras de artistas estrangeiros. O mesmo dado geográfico, porém, não acontece em relação ao grupo das obras clássicas, uma vez em que das 103 imagens, 95 eram de autoria de autores estrangeiros e apenas 08 pertenciam a artistas brasileiros, sendo todos eles modernistas.

Os dados evidenciam a influência da nacionalidade do artista em seu reconhecimento social e o conseqüente movimento migratório, característica específica do mercado de arte apontada por Quemin (2013) que é reproduzida nos livros didáticos de arte. A lista dos artistas mais bem-sucedidos no mercado de arte apontada por Quemin em muito se assemelha à lista dos artistas contemplados nos livros didáticos brasileiros. O pesquisador destaca que os cinco artistas brasileiros valorizados no mercado de arte são Tunga, Ernesto Neto, Vik Muniz, Beatriz Milhazes e Adriana Varejão. Todos figuraram nos livros didáticos analisados, principalmente Vik Muniz e Adriana Varejão.

Objetos de acesso à aprendizagem de arte

Pode-se dizer que o capitalismo é hostil à arte, ao menos a arte que se quer crítica e reflexiva. Ao mesmo tempo a escola é de modo geral o único espaço de acesso ao conhecimento historicamente acumulado para as camadas empobrecidas que precisam, segundo Saviani (2012) dominar o conhecimento das elites de um modo crítico, para transformarem sua realidade e sair da condição de dominado. Se há uma camada socialmente excluída, há grupos duplamente excluídos, entre eles destacamos as pessoas com deficiência. Estas, além da exclusão econômica vivenciam diariamente outras barreiras, como as impostas para a aprendizagem pela falta de acessibilidade nas escolas.

O grupo de pesquisa envolve-se a cerca de quinze anos com os estudos que tomam como reflexão as problemáticas do acesso ao Ensino de Arte por pessoas com deficiência, investigando suas condições e propondo ações que ampliem e qualificam as formas mais elevadas de acesso aos saberes, também para as pessoas com deficiência. Destacam-se algumas referências produzidas pelo grupo de pesquisa (FONSECA da SILVA, M. C. R.; AZEVEDO, I. G. ; ROCHA, S. C.. 2011); (FONSECA DA SILVA, 2018); (FONSECA DA SILVA, 2013). A análise e produção de materiais didáticos e a sua utilização por professores de artes visuais são um dos elementos centrais nas discussões do Grupo de Estudo.

Entre os anos de 2008 e 2010 foi desenvolvido um projeto de pesquisa que pretendeu produzir materiais para o Ensino de Arte na escola. O mesmo partiu de experiência existentes na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em especial os estudos de Amanda Tojal (2009) e procuramos ao longo dos anos ampliar o referencial para atingir os conteúdos de arte contemporânea superando o viés modernista dos projetos existentes. Desenvolveram-se oficinas cujo público envolvia crianças com deficiência e crianças comuns. A chave da proposta de investigação era a criação de materiais que atendessem aos dois grupos de forma semelhante, isto é, que crianças com deficiência e crianças comuns pudessem aprender com apoio de materiais didáticos. Esta experiência foi relatada no livro (FONSECA DA SILVA, MENDES e SHAMBECK, 2012).

Além desse estudo, o grupo investiu na produção de materiais didáticos, chamados de Objetos Pedagógicos, enfatizando as características que ampliam a ideia de um jogo, ou mesmo de um material fechado como um encarte, por exemplo. As propostas apresentadas no livro Fonseca da Silva (2018) buscaram ampliar as experiências de acesso a arte para públicos com deficiência em dois espaços culturais públicos de arte. Este estudo foi relatado por Gil (2013). que descreveu

como a pesquisa ampliou as possibilidades de inserção de públicos cegos no sistema cultural da cidade, pois, como os participantes apresentaram em seus depoimentos, as pessoas não se viam pertencentes aquela realidade, significavam o museu com espaço pertencente aos videntes.

As pesquisas que desenvolvem objetos de arte dentro das universidades públicas apresentam dificuldades de se adequar ao sistema de planejamento e organização a priori como preveem os processos licitatórios. Essas dificuldades estimularam o grupo de pesquisa a criar um coletivo artístico que impulsionou a produção de exposições voltadas aos públicos com deficiência. Essas experiências como mostram a figura 2 e figura 3 criam espaços significativos para que o professor de arte insira os estudantes com deficiência e todos os demais em uma única oportunidade de aprendizagem.

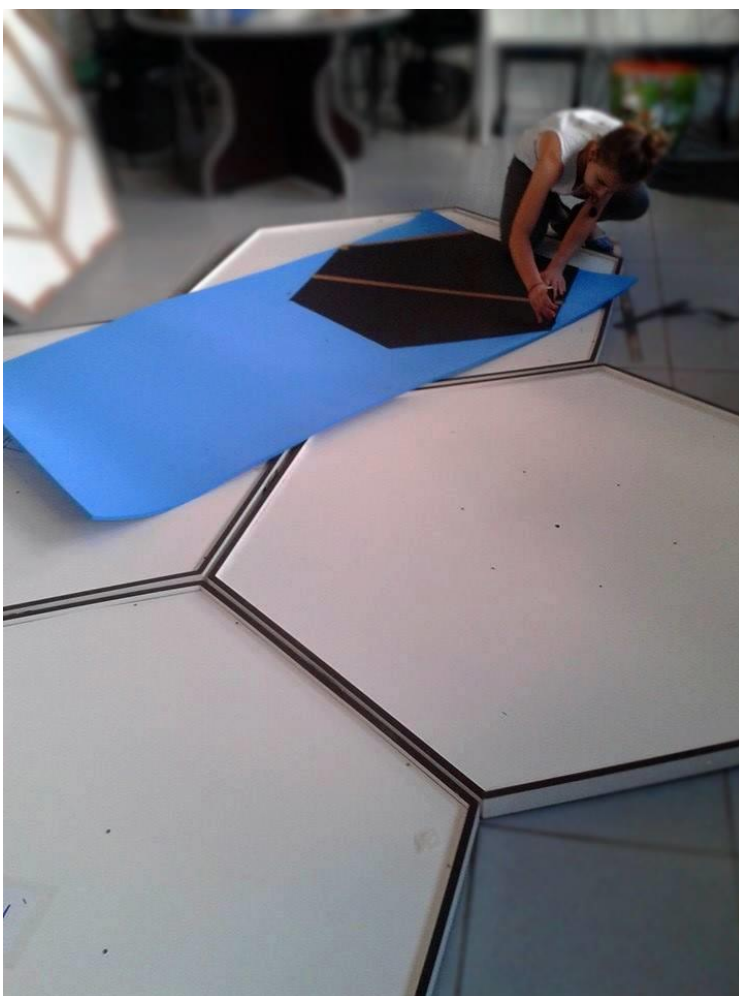


Figura 2. Confeção da Instalação Sonhos, 2016. Fotografia. Acervo do Grupo de Pesquisa.



Figura 3. Exposição “Sem se ver”. 2016, Marque. Fotografia. Acervo do Grupo de Pesquisa.

A relação escolas-espços cultural é bastante produtiva pois oportuniza aos estudantes um contato direto com objetos artísticos, também com os conceitos presentes no sistema das artes, inclusive as várias tipologias museais.

Finalmente os estudos atuais vêm produzindo objetos pedagógicos para uma brinquedoteca sediada no museu Histórico de Santa Catarina - MHSC cujo espaço atende crianças pequenas. Além dessa vinculação com as crianças, o projeto propicia formação continuada para professores de artes, ampliando as possibilidades de estudos e propostas de aplicação dos materiais produzidos em diferentes espaços culturais do estado. Essas dinâmicas de pesquisa aplicada contribuem para a inserção das produções de objetos pedagógicos nos espaços e nas escolas, fortalecendo assim uma troca mais efetiva entre as duas instituições colaborando não só para a aprendizagem de crianças com deficiência, mas para todas as outras.

Considerações finais

Observa-se que os objetos para o ensino de arte extrapolam o universo metodológico e dizem respeito ao conceito de arte disseminado no ambiente escolar. Todavia, observa-se forte influência do capital sobre os mesmos, arbitrando não somente nas questões de acesso à arte, mas também em relação ao redirecionamento do conceito de arte, à repercussão e ao reconhecimento social dos artistas.

Os estudos do grupo de pesquisa mostraram que os livros de arte têm papel importante como objetos de ensino, uma vez que chegam a um número grande de estudantes em um país com pouco investimento educacional. Lamenta-se que os livros não sejam construídos sob a premissa de possível lugar de arte, em que o miolo do livro poderia ser entendido como espaço de exposição, visto que os atuais livros não possuem obra de arte em seu interior, e nem problematiza e subverte o acervo de reproduções que possui. Embora em termos de qualidade de impressão e mediação, o livro didático tenha todos os recursos necessários para atingir este potencial, ele ainda é pouco flexível, pois está entrelaçado com um formato muito engessado. Há trabalhos artísticos que facilmente poderiam ser utilizados como obras e proposições originais dentro de um livro didático, fato que leva à sugestão de que futuramente aspectos de curadoria e exposição sejam adotadas nos livros didáticos, abrindo editais para artistas produzirem obras enquanto site-specific em parceria com professores.

Em contrapartida, constatou-se que o critério para o reconhecimento social de um artista e sua inserção nos livros didáticos está estreitamente atrelado a sua adequação ao mercado de arte e que, em linhas gerais, os objetos destinados ao ensino de arte no Brasil não são plurais, nem inclusivos, deixando a desejar no quesito formato, conceito e acessibilidade.

Notas

¹ O projeto é vinculado ao Departamento de Artes Visuais da UDESC, coordenado por Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

² O conceito de espaço de arte historicamente, se desenvolveu desde as coleções de arte, do cubo branco (espaços que pretendem separar o mundo exterior do acervo), até os lugares específicos de arte, espaços que dialogam diretamente na construção do conceito de uma obra. Hoje não é simples delimitar o que pode ou não ser um lugar de arte, bastando intencionalidade e a construção de uma problemática para trazer aspectos do lugar de arte. Enquanto espaço institucionalizado, normalmente os lugares de arte pressupõe acervo, curadoria, exposição e mediação.

Referências

- BORN, Rodrigo Montandon. **O livro didático de artes visuais como espaço expositivo: contribuições para o debate sobre a alienação do objeto de arte.** 360 p. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Doutorado em Artes Visuais, Florianópolis, 2018.
- BELLÉ, L. A. **Museus virtuais e a formação de professores de artes visuais no contexto da lei 10.639/2003.** 2012. 189p. Dissertação. (Mestrado em Artes Visuais) Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2012.
- FIALHO, Letícia. **As exposições internacionais de arte brasileira: discursos, práticas e interesses em jogo.** Sociedade e Estado. Brasília, v.20, n.3, p 647-688, set/dez.2005.
- FONSECA da SILVA, M. C. R.. **Arte e tecnologia** : contribuições para a educação estética de públicos especiais. 01. ed. Goiás - Go: C&A Alfa Comunicação, 2018.
- FONSECA da SILVA, M. C. R.; MENDES, G. M.L. ; SCHAMBECK, R. . **Objetos Pedagógicos: Uma experiência inclusiva em oficinas de artes.** 1. ed. Araraquara - SP: Junqueira Marin, 2012.
- FONSECA DA SILVA, M. C. R. **Formação Docente, Arte e Tecnologias:** contribuições sócio-histórico. 1. ed. Campinas / São Paulo: Alínia, 2017.
- FONSECA da SILVA, M. C. R.. **Conversas de Grupo de Pesquisa:** enlaces entre educação e arte. 1a.. ed. Itajaí: Casa Aberta, 2013.
- FONSECA da SILVA, M. C. R.; AZEVEDO, I. G. ; ROCHA, S. C. . **El Profesor de Arte para niños ciegos:** práticas pedagógicas en dos realidades. In: IV Congreso Nacional y III Encuentro Internacional de Estudios Comparados en Educación, 2011, Buenos Aires. Anais do IV Congreso Nacional y III Encuentro Internacional de Estudios Comparados en Educación. Buenos Aires: SAECE, 2011. v. 1. p. 01-15.
- GIL, Ana Lucia Oliveira Fernandez. **O Corpo Cego na Arte: Experiências Estéticas e Reflexivas no Contexto de Instituições Culturais.** 160p. Universidade do Estado de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - 2013.
- HILLESHEIM, Giovana Bianca Darolt. **Mercado de arte e sua interface com o trabalho docente:** estratégias do capitalismo cultural. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, 2018.
- QUEMIN, Alain. **Les satar de l'art contemporain.** Paris: CNRS Editions. 2013
- GALVÃO, A. Carolina. LAVOURA, T. N. ; MARTINS, LÍGIA MÁRCIA . **Fundamentos da didática histórico-crítica.** 1. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2019

TEUBER, Mauren. **Materiais Didáticos Destinados a Professores de Artes Visuais:** Questões Para a Pesquisa e Para a Formação do Professor. In: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/MAURENTEUBER_RESUMO.pdf, ultimo acesso em 27 de outubro de 2014,

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica:** primeiras aproximações. Campinas: Autores, associados, 2003.

_____ **Escola e Democracia.** Campinas: Autores, associados, 2012.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Programa Educativo Públicos Especiais** - Pinacoteca do Estado de São Paulo: esculturas selecionadas do acervo. São Paulo: , 2009. 129p.

Giovana Bianca Darolt Hillesheim

Doutora em Artes Visuais pela UDESC. Membro do grupo de pesquisa "Arte e Formação nos processos políticos contemporâneos"- CNPq/UDESC e do Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - (OFPEA/BRA-ARG). Professora efetiva do Instituto Federal de Santa Catarina-IFSC e professora colaboradora do Mestrado Profissional em Artes (PROF-Artes) na UDESC.

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

É professora titular da UDESC, professora do PPGAV, PPGE e PROFARTES da instituição. É Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - LIFE e do grupo de pesquisa Arte e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos. Coordena o Projeto bilateral intitulado: Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - (OFPEA/BRARG). Atualmente é diretora Geral do Centro de Artes da UDESC. Contato: cristinaudesc@gmail.com.

Rodrigo Montandon Born

É professor adjunto no curso de Artes Visuais da UFRN, vinculado ao Profartes (Mestrado Profissional em Artes). É licenciado em Artes Visuais (2012), com doutorado em Artes Visuais na linha de Ensino (2018) pelo PPGAV UDESC. É coordenador do projeto de extensão CUCA HQ (Clube Universitário de Criação e Análise de Histórias em Quadrinhos) e desenvolve pesquisas nas áreas de: Desenho, Histórias em Quadrinhos, Escultura em Oil Clay, Computação gráfica, Espaços expositivos. rodrigo.born@hotmail.com